

METODOLOGIAS ATIVAS E PSICOLOGIA: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM EM NEUROPSICOLOGIA

ACTIVE METHODOLOGIES AND PSYCHOLOGY: POSSIBILITIES FOR TEACHING-LEARNING IN NEUROPSYCHOLOGY

Naiara Maria de Oliveira Batista¹

Tainah Sátola Seabra Lugon²

Ednéa Zandonadi Brambila Carletti³

RESUMO

As transformações do corpo social atual nos faz questionar as formas de atuações educacionais, visto que, vivendo em período de pós-verdade a indagação, a dúvida e o inquérito estão presentes nos contextos escolares e evidenciados nos ensinos superiores. Fundamentado na consideração anterior, o debate em torno das metodologias ativas que integra princípios conceituais e atividade laboral, torna-se indispensável nos estudos da neuropsicologia, por se tratar de uma ciência que relaciona o comportamento com as disfunções ou habilidades cerebrais. Em função disso, o objetivo do presente artigo é discutir sobre as principais conversões metodológicas acerca do ensino-aprendizagem proposto para disciplina de neuropsicologia.

Palavras-chave: Didática, Metodologias Ativas, Dialética, Neurociências.

ABSTRACT

The transformations of the current social body make to question us the forms of education performances, because, living in a powder-truth period the inquiry, the doubts, the inquest is present in the school contexts and evidenced in the higher education. Based in the previous consideration, the debate around the active methodologies that it integrates conceptual beginnings and activity laboral, becomes indispensable in the studies of the neuropsicologia for treating of a science that relates the behavior with the dysfunctions or cerebral abilities. In function of that, the objective of the present article is to discuss the main methodological conversions concerning the teaching-learning for neuropsicologia discipline.

Keywords: Didactics, Active Methodologies, Dialectics, Neurosciences.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos do século XXI, as discussões sobre a aquisição da aprendizagem vêm ganhando destaque no cenário educacional, sobretudo a respeito do preparo dos professores para assumir práticas metodológicas apropriadas ao processo de ensinar. Diferente dos tradicionais métodos de ensino, as metodologias ativas visam trabalhar de uma forma mais interativa e participativa, buscando a autonomia dos estudantes. Em sala de aula, o ofício do professor é orientar, facilitar o processo de ensino-aprendizagem, e não ser o dono do conhecimento. O estímulo à crítica reflexiva é incentivado pelo professor que irá conduzir a aula, porém o foco desse processo é o próprio discente.

Contudo faz-se necessário interrogar: o que fazer e como fazer para que alunos aprendam e construam de forma transformadora a sua prática idônea? Sabendo-se que a educação superior, segundo o art.43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) tem por finalidade estimular e desenvolver o espírito científico pondera-se que por meio das metodologias ativas, ou seja, da articulação entre teoria e prática, os alunos protagonizem seu saber específico ampliando o olhar interpretativo para futura atuação profissional.

Este artigo busca discutir sobre o que consiste as metodologias ativas e o papel não somente do professor, mas também de universo acadêmico, do processo de ensino-aprendizagem no Ensino Superior frente às propostas pedagógicas da disciplina de neuropsicologia, visto que, esse estudo científico se propõe a compreender a interface entre psicologia e neurologia, resultando no entendimento global da atuação clínica terapêutica.

A metodologia utilizada para confecção deste artigo refere-se à pesquisa de cunho bibliográfico, tomando como bases teóricas Anastasiou, Danilo Gandin e Paulo Freire enfatizando os processos de ensino-aprendizagem, e Aleksandr Luria e Leonardo Caixeta abordando conceitos e aspectos da neuropsicologia.

Desta forma, torna-se relevante enfatizar os estudos acerca das alternativas procedimentais sobre o viés das metodologias ativas aplicadas ao Ensino superior,

uma vez que é fundamental a implementação de diferentes maneiras de ensinar, promovendo uma inovação na proposta de ensino, nos cursos de graduação para que os alunos articulem as aprendizagens da neuropsicologia com a futura profissão.

2. O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: DIDÁTICA E METODOLOGIAS

O ato de ministrar aulas em classes do ensino superior é um grande desafio, uma vez que, o público discente que se apresenta são adultos, sujeitos com algumas concepções já formadas, problematizadores e questionadores, o que exige do docente um perfil mais diligente para atuação.

Ser professor é saber fazer-se docente (OLIVEIRA, 2016) responsável pela construção social de um sujeito fundamentado no processo de ensinar, formar, treinar e transformar. Conforme Vigotsky (1988),

[...] o professor universitário deve ser um agente mediador deste processo, propondo desafios aos seus acadêmicos e ajudando-os a resolvê-los, ou proporcionando atividades em grupo, em que aqueles que estiverem mais adiantados possam cooperar com os que tiverem mais dificuldades (VYGOTSKY, 1998. p. 125).

Ensinar é uma construção que perpassa por uma série de desafios de concepção de identidade, da construção do perfil profissional e de tomadas de decisões entre os rumos tomados por esses docentes.

O professor universitário, com o de qualquer outro nível, não necessita apenas de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. Além disso, o professor universitário precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função (SILVA; BORBA, 2011).

O docente, para adequar-se de maneira positiva ao contexto acadêmico, deve lançar mão de estratégias que visem facilitar o processo ensino-aprendizagem, bem como sua interação com os discentes. O professor deve além das estratégias, ter conhecimento sobre a didática.

A didática, segundo o dicionário Aurélio consiste na arte de ensinar, na realização do procedimento ao qual o mundo das experiências e da cultura são transmitidos nas escolas e demais instituições de ensino (FERREIRA, 1999).

[...] uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. (LIBÂNEO, 2002, p.5).

A didática é uma disciplina oferecida em grande parte, apenas nos cursos de licenciatura, sendo pouco disseminada nos cursos bacharelados. Entretanto, se faz necessário que os candidatos a docentes detenham este conhecimento, visto que, ele irá melhor direcionar este futuro profissional da educação, a criar estratégias, métodos e formas em que o ensino poderá ser ministrado para uma melhor compreensão do discente.

As estratégias visam à consecução de objetivos; portanto, há que ter clareza de onde se pretende chegar naquele momento, com o processo de ensinagem. Por isso, os objetivos que o norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos, professores e alunos (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 94).

Desta forma, cabe ao docente buscar auxílios por meio de ferramentas e estratégias apropriadas com o intuito de despertar a atenção do aluno, estimulando nele a vontade de aprender e de continuar aprendendo. Assim, o planejamento, a metodologia e as estratégias de ensino, são essenciais para o sucesso da aula.

3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao longo do tempo, a educação tem sofrido constantes transformações no que se diz respeito à descoberta de aspectos que cooperam para o processo de ensino-aprendizagem. Esses fatores são compreendidos como estratégias de ensino-aprendizagem e representam os meios e recursos que vem sendo utilizados no processo de aprendizagem, com a finalidade de se alcançar a qualidade desejada e os resultados esperados (MAZZIONI, 2009).

O processo de ensino-aprendizagem sempre esteve presente, seja de forma direta ou indireta nas relações entre os seres humanos (CANDAU, 1991). Tratando-se deste processo no ambiente universitário, o progresso desta relação dependerá além das estratégias de ensino, dos conhecimentos e uso de recursos didáticos auxiliares utilizados por parte do professor.

Com o objetivo de melhor compreender os tipos de estratégias de ensino aprendizagem, baseado em Anastasiou e Alves (2004), apresentaremos aqui, através de itens, algumas das estratégias que são ou podem ser utilizadas em sala de aula, bem como uma breve definição no que se consiste essas estratégias.

1. A aula expositiva dialogada, consiste em uma exploração dos conteúdos, com participação dos estudantes, em que se deve considerar, como ponto inicial, o conhecimento pré-existente do discente. O papel do professor é levar os discentes a interpretar, questionar e discutir o que encontra-se como objeto de estudo (ANASTASIOU; ALVES, 2004).
2. O estudo do texto, consiste na "exploração de ideias de um autor a partir do estudo crítico de um texto e/ou a busca de informações e exploração de ideias dos autores estudados" (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 80).
3. A tempestade de ideias tem como princípio, incitar a geração de ideias novas, espontaneamente, deixando fluir a imaginação e as primeiras ideias (ANASTASIOU; ALVES, 2004).
4. O Seminário deve ser considerado como o espaço para que as ideias germinem. E neste espaço que grupos, discentes e docentes discutirão as temáticas em pauta (ANASTASIOU; ALVES, 2004).
5. O estudo de caso é "a análise minuciosa e objetiva de uma situação real que necessita ser investigada e é desafiadora para os envolvidos" (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 91).
6. O laboratório é o momento do contato com a tecnologia. Neste contato ele explora as informações, e reflete sobre as possibilidade de erros, informações falsas, como os acertos, informações de cunho científico (PETRUCCI; BATISTON, 2006).
7. O ensino com a utilização de pesquisas é a utilização, de forma associada, do ensino e a pesquisa. O discente, através da pesquisa, adquire novos conhecimentos através das situações construtivas e significativas que a pesquisa lhe proporciona (ANASTASIOU; ALVES, 2004).

Partindo das estratégias apresentadas e levando em consideração o aluno, o contexto e o processo em que se ocorre a aprendizagem, o professor se utilizará de uma delas, podendo adaptá-las ou até mesmo criar outras estratégias, visando o desenvolvimento em contexto global. E para isso, se faz necessário que,

O docente tenha o dever de compreender e aprender que didática faz parte de um todo: teoria, prática, visão crítica e política, organização, planejamento etc., e que essas dimensões devem caminhar juntas, pois a caracterizam e fornecem significado real ao seu trabalho (FERREIRA, 2010, p. 33).

De acordo com Ferreira (2010) percebe-se que as estratégias são eficazes e os profissionais devem conhecer as mesmas, e saber como e em quais situações podem ser aplicadas. Essas estratégias devem colocar o aluno como centro de todo o processo, e assim, faz-se necessário que o professor, estabeleça uma relação ensino-aprendizagem no nível universitário, pois determina uma ligação e comprometimento de ambas as partes na construção do conhecimento. O professor torna-se então um coparticipante do processo e, portanto, deve orientar e intervir seu acadêmico. Para Masetto (2001, p.22),

[...] é importante que o professor desenvolva uma atitude de parceria e corresponsabilidade com os alunos, que planejam o curso junto, usando técnicas em sala de aula que facilitem a participação e considerando os alunos como adultos que podem se corresponsabilizar por seu período de formação profissional.

Logo, o ensino torna-se muito mais eficiente quando os alunos de fato participam da construção dos conhecimentos. Assim, as aulas tornam-se muito mais interessantes quando são colaboradas em parcerias com os discentes.

4. A METODOLOGIA ATIVA

Historicamente, a formação dos acadêmicos tem sido pautada no uso de metodologias tradicionais, influenciados por métodos que visam à fragmentação e redução do saber. Essa fragmentação do saber manifestou-se no incentivo das subdivisões da universidade (CAPRA, 2006).

[...] há uma grande necessidade de que os docentes do ensino superior desenvolvam competências profissionais para preparar os estudantes numa formação crítico social. É preciso, portanto, substituir as formas tradicionais de ensino por metodologias ativas de aprendizagem, que podem ser utilizadas como recurso didático na prática docente cotidiana (NASCIMENTO; ASSUNÇÃO, 2017, p. 4).

No contexto social atual, no qual os meios de comunicação estão fomentados pelo avanço das novas tecnologias e pela percepção do mundo como uma rede de relações dinâmicas e em constante transformação, tem-se discutido a necessidade de urgentes mudanças nas instituições de ensino superior visando, entre outros aspectos, à reconstrução de seu papel social. Neste sentido, Mitre et al (2008), considera

[...] a formação de graduação dura alguns anos, enquanto a atividade profissional pode permanecer por décadas e que os conhecimentos e competências vão se transformando velozmente, torna-se essencial pensar em uma metodologia para uma prática de educação libertadora, na formação de um profissional ativo e apto a aprender a aprender (MITRE *et al*, 2008.).

A prática libertadora, apontada por Mitre *et al* (2008), se baseia nos quatro (04) pilares da educação, raciocínio, crítica, responsabilidade e sensibilidade essenciais ao processo de formação. Tendo como base os pilares do contexto educacional, as metodologias ativas, segundo Bastos (2006) são como “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”, ou seja, baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. (BASTOS, 2006)

Sendo assim, compreende-se sendo as metodologias ativas como mecanismos utilizados para o desenvolvimento do processo do aprender, atribuído aos professores, auxiliando e conduzindo-o para a formação crítica de futuros profissionais nas mais variadas áreas. A aplicação dessas metodologias ativas pode promover a autonomia do aluno, despertando nele a curiosidade, encorajando a tomadas de decisões, provenientes das atividades necessárias da prática social e em situação de estudante.

A metodologia ativa, também conhecida como aprendizagem baseada em problemas, surge como uma estratégia para melhorar a qualidade da educação em saúde no ensino superior e conseqüentemente melhorar a qualidade da assistência em saúde (MELO; ALVEZ; LEMOS, 2014).

As metodologias ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos (BERBEL, 2011).

Paulo Freire (1996) defende as metodologias ativas, afirmando que, para que haja educação de adultos, a superação de desafios, a resolução de problemas e a construção de novos conhecimentos a partir de experiências prévias, são necessárias para impulsionar as aprendizagens.

As metodologias ativas de ensino e aprendizagem estimulam habilidades cognitivas complexas estimulando a prática do conhecimento adquirido, despertando assim o raciocínio crítico e reflexivo do discente (MENDONÇA, *et al.*, 2016). O uso dessas metodologias na formação de profissionais de saúde possibilita não só a aprendizagem significativa, mas também a construção de conceitos e valores dos estudantes e o crescimento pessoal.

Desta forma, a metodologia ativa é um recurso didático de grande relevância, que podem favorecer de forma significativa e eficaz, o processo de ensino-aprendizagem, que por sua vez, para ser adequadamente compreendido, precisa ser analisado de tal modo que articule consistentemente as dimensões humanas, técnicas e político sociais (CANDAU, 1991).

Contudo é de extrema importância que o professor participe do processo de reconstrução do conhecimento, na qual a mediação e a interação são os pressupostos essenciais para que ocorra a aprendizagem. As metodologias ativas se apresentam através de diferentes abordagens. Ilustraremos através do quadro, de forma breve, algumas das principais.

Quadro 1 - Abordagens de metodologias ativas

Fonte: próprio autor (2018)

| | |
|---|--|
| Estudo de caso | o aluno é levado à análise de problemas e tomada de decisões. Os alunos empregam conceitos já estudados para a análise e conclusões em relação ao caso. Pode ser utilizado antes de um estudo teórico de um tema, com a finalidade de estimular os alunos para o estudo (BERBEL, 2011, p. 30). |
| Processo do Incidente | O professor apresenta à classe uma ocorrência ou incidente de forma resumida, sem oferecer maiores detalhes. A seguir, coloca-se à disposição dos alunos para fornecer-lhes os esclarecimentos que desejarem. Finda a sessão de perguntas, a classe é subdividida em pequenos grupos e os alunos passam a estudar a situação, em busca de explicações ou soluções (GIL, 1990, p. 84) |
| Método de projetos | [...] são atividades que redundam na produção, pelos alunos, de um relatório final que sintetize dados originais (práticos ou teóricos), colhidos por eles, no decurso de experiências, inquéritos ou entrevistas com especialistas. O projeto deve visar à solução de um problema que serve de título ao projeto (BORDENAVE; PEREIRA, 1982, p. 233). |
| Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) | Conforme Sakai e Lima (1996), ela se desenvolve com base na resolução de problemas propostos, com a finalidade de que o aluno estude e aprenda determinados conteúdos. Segundo os autores, esta metodologia é formativa à medida que estimula uma atitude ativa do aluno em busca do conhecimento. |

Para que as metodologias ativas possam causar efeito na direção da intenção pela qual são definidas é necessário que os participantes do processo compreendam, acreditem em seu potencial pedagógico e estejam disponíveis intelectual e afetivamente para o trabalho proposto. Assim, o professor, nessa perspectiva, ganha um status de proeminência, ao mesmo tempo em que se lhe acrescentam responsabilidades.

5. A DISCIPLINA DE NEUROPSICOLOGIA E AS METODOLOGIAS ATIVAS

A neuropsicologia é considerada uma disciplina científica, integrante das grades curriculares do curso de psicologia, que se ocupa das relações e das funções cognitivas e suas bases biológicas (Rodrigues, 1993). Nesse contexto, cabe destacar os desafios para a implantação de métodos ativos de ensino aplicados à disciplina.

A neuropsicologia é uma área de estudo engendrada a psicologia, a qual se dedica a investigação individual das disfunções e habilidades cerebrais. Um exemplo de sua atuação pode ser visualizado em avaliação de demência de Alzheimer, visto que, em pacientes acometidos por essa doença degenerativa, o avaliador neuropsicólogo no uso de suas atribuições legais, visa apurar os sistemas cerebrais que se encontram preservados e assim produzir uma reabilitação terapêutica que minimize a aceleração da degeneração dos mecanismos cognitivos. Isto se torna possível devido aos instrumentos avaliativos que são de uso exclusivo do neuropsicólogo, destacando a importância deste constructo para população geral, visto que, segundo a Organização Mundial da Saúde, mais de 300 milhões de pessoas vivem com depressão no mundo e este transtorno pode danificar áreas cerebrais estritamente ligadas à memória. Um circuito cerebral que não produz memória, dificilmente produzirá aprendizado (CAIXETA, 2014).

Atualmente, tem se percebido, que o ensino da disciplina, tem se dado através do modelo tradicional, utilizando-se apenas de estratégias didático-metodológicas tradicionais que não permitem ao discente uma compreensão mais ampla e apurada a cerca do que se propõe essa área da psicologia.

A ciência neuropsicológica no que se refere a outros estudos se encontra em fase de desenvolvimento. Inicialmente as avaliações psicológicas eram voltadas para descobertas de lesões localizacionais. A dinâmica das funcionalidades ou sistema funcional, como expressado atualmente, popularizou-se a partir dos estudos de Aleksandr Luria que descreve sobre a organização, a análise e a função da atividade mental (LURIA, 1981).

De acordo com Luria (1981) o córtex pré-frontal associativo ao lobo frontal, responsável pela formulação de pensamento crítico está situado na terceira área funcional de uma estrutura hierárquica, na qual, a zona primária encontra-se discordante do processo final, a zona secundária refere-se à tomada de conhecimento daquilo que é apresentado e zona terciária relaciona-se a conclusão do processo de cognição, permitindo ao sujeito conseguir não só formar um conceito como também compreendê-lo. Zona terciária é a última área cortical a compor o processo de filo e ontogênese, concluindo sua mielinização somente no início da idade adulta, ou seja, quando os indivíduos comecem a acessar o ensino superior, responsável pela apuração das informações mais complexas recebidas do ambiente exterior, tem por objetivo administrar a intencionalidade, motricidade e planejamento, além de exigir funcionamento categórico das áreas primárias para que processe com êxito uma informação.

Em crianças o esquema funcional é caracterizado por Luria (1981) como ascendente, ou seja, das áreas primárias para terciárias, pois seu processo de mielinização ainda não está concluído, desta forma limitam-se ao que está explícito, não formulando outras informações semelhantes. Divergindo-se do adulto, o qual, formula seu processo em posição descendente, ou seja, da área terciária para secundárias e primárias, afirmando a maturação cerebral e ditando outras formas de se concluir uma referência externa (LURIA, 1981. p. 162).

Considerando as afirmações acima, nota-se que os discentes do ensino superior experienciam o processo de maturação cerebral, permitindo-os vivenciar novas produções dos conceitos apresentados, questionarem o conteúdo proposto e sugerir prováveis reformulações teórico-didáticas. Porém, deve se levar em consideração todos os obstáculos que enfrentam diariamente para vencer o dia de aula na faculdade. Os desafios são diversos, sendo o cansaço, por trabalharem no turno da

manhã e retornarem a faculdade à noite, fator evidenciado. Com isso, o ensino pautado em metodologias ativas proporciona ao aluno estratégias que o possibilite ser autônomo de seu saber.

A utilização da metodologia ativa por meio da problematização viabiliza o acadêmico a ser construtor do seu conhecimento, tornando-se transformador ativo da sociedade (CHIRELLI; COSTA, 2000). Com base nessa premissa, Rodrigues e Caldeira (2008) discutem que o uso da problematização prepara o aluno para trabalhar as questões apresentadas tanto do ponto de vista da clínica quanto da saúde coletiva, permitindo uma busca pelo conhecimento e habilidades para se trabalhar nessas questões. Seguindo esse pensamento, os autores que seguem referenciais inovadores ou sustentados na metodologia da problematização caracterizam o ensino tradicional, aquele onde o professor é detentor do conhecimento, como não mais aceitável segundo as novas exigências colocadas às instituições formadoras (RODRIGUES; CALDEIRA, 2008).

O uso das metodologias ativas, por meio das situações-problema articuladas as experiências práticas dos estudantes, garante a participação do estudante de forma mais ativa, uma vez que estimula a pesquisa de referenciais teóricos qualificados para embasamento e o conhecimento de discussões de assuntos já problematizado. Nossa proposta se pauta na ideia de que as aulas de neuropsicologia, integradas a métodos ativos, e a introdução de estágio clínico específico permitirá ao aluno maior conhecimento e assimilação do que foi exposto teoricamente, possibilitando que, posteriormente, ele consiga ter melhor compreensão acerca do assunto e consiga de forma mais clara definir áreas de interesse para formações especializadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O antigo método tradicional de ensino, em que o aluno é apenas o receptor e reprodutor dos conteúdos, tem se mostrado insuficiente no que se refere à formação de indivíduos reflexivos e críticos.

Diante disso, as metodologias ativas, têm ganhado destaque por abordarem uma aprendizagem por meio de uma problematização, o que estimula o educando a pensar e integrar seus conhecimentos prévios na busca de uma solução. As metodologias ativas têm mostrado relevância na formação de profissionais da saúde, sobretudo a partir da disciplina de neuropsicologia, tendo em vista que estes devem ter um senso crítico para lidarem com as situações cotidianas do processo saúde-doença.

A problematização de casos clínicos envolvendo a neuropsicologia, baseados nos estágios e nas realidades já vivenciadas pelos discentes permite uma discussão ampla e estimula o raciocínio clínico mediante situações semelhantes, uma vez que esta disciplina auxilia na investigação dos comportamentos e suas relações com o sistema funcional. Para que este método pedagógico se planifique é viável a introdução de um estágio em neuropsicologia para que os alunos possam vivenciar a prática, não apenas a teoria.

Contudo, sabendo que a Educação é um tema em constante desenvolvimento e que as metodologias ativas ainda é um conceito embrionário em muitas Instituições de Ensino Superior (IES), torna-se o pensamento crítico descrito até então, uma temática prorrogativa a novas análises.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: _____. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semin. Cienc. Soc. Hum., v.32, n.1, p.25-40, 2011.

BORBA, Ernesto Oliveira; SILVA, Regina Nogueira. **A importância da didática no ensino superior**. São Paulo, 2011.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BORGES, T. S; ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**. Jul/Ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 1 19-143 , ISSN 22377719. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-epositorio/File/napecco/Metodologias/Metodologias%20Ativas%20na%20Promocao%20da%20Formacao.pdf> .Acesso em: 15 de Set. de 2018.

CANDAU, M. V. **A didática em questão**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CAPRA, F. **O ponto da mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Cultrix: São Paulo, 2006.

CAIXETA, Leonardo. **Tratado de neuropsiquiatria**: neurologia cognitiva e do comportamento e neuropsicologia. São Paulo: Atheneu, 2014.

CHIRELLI, M.Q.; COSTA, M.G.O. Currículo integrado do Curso de Enfermagem da Famema: implementando a metodologia problematizadora de ensino. **Rev. Educação PUC- Campinas**, v. 9, p.29-39; 2000.

CUNHA, J.A, org. **Psicodiagnóstico**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Velhos e Novos Temas. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

FERNANDES, J. D., FERREIRA, S. L. A. & OLIVA, R. S. S. Diretrizes estratégicas para a implantação de uma nova proposta pedagógica na Escola de Enfermagem da Universidade da Federal da Bahia. **Rev. Enfermagem**; 56(54): 392-395. 2003

FERREIRA, Marcos Aurélio. **A didática na formação docente do ensino superior**. Universidade Candido Mendes: Rio de Janeiro, 2010.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GANDIN, Danilo. **Escola e Transformação Social**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 178 p

LURIA, A.R. **Fundamento de Neuropsicologia**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

MARION, José Carlos; MARION, Arnaldo Luís Costa. **Metodologias de ensino na área de negócios**. Para cursos de administração, gestão, contabilidade e MBA. São Paulo: Atlas, 2006.

MASETTO, M. A aula na universidade. In: **VIII ENDIPE, Anais**. Florianópolis, 1996, v.2, p.323-330.

MAZZIONI, Sady. **As estratégias de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis**. 9º CONGRESSO USP CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 2009, São Paulo. **Anais do 9º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**. São Paulo: 2009. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/artigos92009/283.pdf>> . Acesso em: 10 de setembro de 2018.

MELLO, C. C. B.; ALVES, R. O.; LEMOS, S. M. A. Metodologias de ensino e formação na área da saúde: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, v.16, n.6, p. 2015-2028, Nov-Dez, 2014. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/1693/169339740031.pdf>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. saúde coletiva [online]**. 2008, vol.13, suppl.2, pp.2133-2144. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000900018>.

NASCIMENTO, S. A. de.; ASSUNÇÃO, O. T. A pedagogia ativa e a promoção da autonomia de estudantes. **Revista Fabe**. Bertioga, Vol. 7, 2017. Disponível em: <http://fabeemrevista.com.br/material/vol7/07.pdf>. Acesso em 17 de Set. de 2019.

NOGUEIRA, Regina da silva; OLIVEIRA, Ernesto Borba. **A importância da Didática no Ensino Superior** 2011. Disponível em <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outros/75a110bfebd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf>. Acesso em 15 de Set. de 2018.

OLIVEIRA, M. T. **Professor, você Trabalha ou só dá aula?: o fazer-se docente entre história, trabalho e precarização na SEE-SP**. Dourados: UFGD, 2016 (Tese de Doutorado).

PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PELEIAS, Ivam Ricardo. (Org.) **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.

RODRIGUES, R.M.; CALDEIRA, S. Movimentos na Educação Superior na Educação, no Ensino em Saúde e na Enfermagem. **Rev. bras. Enferm**, vol.61 n.5 Brasília Set./Out. 2008. Disponível em: Acesso em: 10 de setembro de 2018.

RODRIGUES, N. Neuropsicologia: uma disciplina científica. Em: RODRIGUES, N. & MANSUR, L. L. (Eds.). **Temas em neuropsicologia**, 1, 1-18. São Paulo: Tec Art. 1993.

SAKAI, M. H.; LIMA, G. Z. PBL: uma visão geral do método. **Olho Mágico**, Londrina, v. 2, n. 5/6, encarte especial, nov. 1996.